

Nova Prova da Perfídia Comunista

A implacável intervenção soviética na Tchecoslováquia reforçou o conceito de que, para os líderes comunistas, “coexistência pacífica” significa dominação mundial

DR. WALTER H. JUDD

SEMANAS antes do dia 21 de agosto passado, quando a população de Praga encontrou ao despertar a sua terra em poder das tropas do bloco soviético, pessoas conscientes através do mundo inteiro aguardavam o desfecho de um extraordinário esforço do governo comunista tcheco pela liberdade. Desde que assumira a chefia do partido tcheco em janeiro, Alexander Dubcek, de 47 anos, levantara a censura à imprensa, forçara a demissão do Ministro da Defesa, permitira a liberdade de viajar e entabulara negociações comerciais com o Ocidente. Havia até levantado a possibilidade de um partido político minoritário e de eleições livres. Iria o Kremlin permitir brechas tão perigosas na trama de tirania que vem criando sistematicamente há 50 anos?

A resposta veio num momento crítico, em que os soviéticos sabiam

que nada tinham a temer. A OTAN estava profundamente dividida, os Estados Unidos tinham sérios encargos militares e Washington não estava evidentemente preparada para a única espécie de reação que os soviéticos compreendem: uma demonstração de força. Essa resposta verificou-se ainda na esteira do que eu considero um dos mais ilógicos e desorientados esforços da história da diplomacia americana—a longa e melancólica luta para argumentar com os soviéticos, para discutir com critério assuntos de importância mútua com uma potência que torce toda a razão, zomba dos suplicantes e, quando acha oportuno, encerra discussões lógicas com o troar dos tanques.

Nestes últimos anos, a crença de que os líderes do Kremlin estão abrandando, começam a dar ouvidos à razão e “ficam mais parecidos co-

nosco” tem-se espalhado através do meu país. A guerra fria estaria encerrada ou, pelo menos, amornando. Os comunistas, ouvimos nós, americanos, estão compreendendo que têm tanto quanto nós a ganhar com a coexistência pacífica.

Já é tempo de perguntar: em que provas se baseiam essas esperançosas premissas? Que aconteceu para enganar tantas pessoas realistas e práticas?

Sombra e Substância. Primeiro, há o cisma ideológico sino-soviético, o qual parece significar para muitos a queda do comunismo monolítico e o fim do seu expansionismo. Segundo, os homens que estão atualmente no Kremlin deram para falar em tom moderado. Em 1960, depois de jurar que “enterraria” os Estados Unidos, o Primeiro-Ministro soviético Khrushchev compareceu às Nações Unidas, tirou o sapato do pé e martelou uma mesa com êle. Hoje em dia, o Ministro do Exterior Andrei Gromyko assina tratados de não proliferação nuclear, sorri para os fotógrafos e distribui champagne.

Há também na fórmula do raciocínio afetivo um terceiro ingrediente importante, mas ainda em grande parte não reconhecido. Trata-se de uma incompreensão generalizada que nasce do senso de justiça americano e da tendência para projetar no espírito dos comunistas os nossos códigos de decência. Nós presumimos que os dirigentes comunistas devem estar fundamentalmente interessados nas coisas que interessam aos nossos

próprios dirigentes—as necessidades do povo, o seu padrão de vida e o seu bem-estar geral. Mas um verdadeiro dirigente comunista é primeiro um revolucionário mundial e só em segundo lugar é um nacionalista.

Por exemplo, durante o período 1962-1967—anos de fome em grande parte da China Comunista—Mao Tsé-tung *exportou* anualmente 200.000 toneladas de arroz para Cuba. Teria Mao ordenado essas remessas se estivesse mais interessado no povo faminto em sua terra do que em criar dificuldades para os Estados Unidos no Hemisfério Ocidental? Ou, ainda, continuaria Ho Chi Minh a sujeitar a população tanto do Norte como do Sul do Vietname a uma devastadora destruição se fôsse um patriota vietnamita, mais interessado no bem-estar do povo do que no engrandecimento do comunismo?

A dura verdade é que o objetivo comunista de domínio mundial não se modificou neste último meio século. O cisma sino-soviético é sem dúvida verdadeiro, mas relaciona-se apenas com questões de método. Mao insiste em afirmar que “o mundo inteiro só pode ser remodelado pelas armas”, ao passo que o Kremlin prefere um processo paulatino com o uso da força e do embuste. Mas os objetivos são idênticos. Em 1967, o Secretário-Geral do Partido Soviético, Leonid Brejnev, disse: “Consideramo-nos parte do sistema mundial do socialismo, um destacamento do exército mundial de com-

batentes pela vitória do socialismo e do comunismo no mundo inteiro.”

Por mais que os dois discordem quanto a táticas, devemos lembrar-nos de que há campos e escolas de treinamento de guerrilheiros dentro e fora da Cortina de Ferro (só em Cuba há cerca de 40, equipados para treinar até 10.000 insurretos por ano), os quais são conjuntamente abastecidos de homens e material pela Rússia e pela China. Quando se trata do objetivo central—a infiltração e derrubada de governos não-comunistas—êles têm a mesma opinião e o mesmo propósito.

Por que, se a guerra fria está arrefecendo, estão Moscou e Pequim empenhados em gigantescos esforços para organizar quinta-colunas em cerca de 80 países na América Latina, África, Oriente Médio e Extremo Oriente? Por que estão gastando quantias fabulosas no apoio a “guerras de libertação” se a coexistência pacífica significa para êles o mesmo que significa para o Ocidente?

Quem Ameaça a Quem? Os próprios comunistas não dão margem a ilusões a êsse respeito. Dizem repetidamente quais são as suas intenções e, nesse sentido, as trágicas notícias da Tchecoslováquia são apenas a História que se repete. Em 1953, os soviéticos esmagaram a liberalização da Alemanha Oriental. Em 1956, fizeram rolar os seus tanques sobre os combatentes da liberdade em Budapeste, com um custo de 27.000 vidas. Quanto ao esmaga-

mento da Tchecoslováquia, as advertências se verificaram logo depois que o Partido Comunista Tchecoslovaco publicou um programa de reformas que, apesar do abrandamento de certas restrições governamentais, reafirmava “aliança e cooperação com a União Soviética e outros países socialistas”. Essa ampla segurança foi completamente desprezada pelos soviéticos.

No dia 4 de maio de 1968, o General Alexey Yepishev, chefe da administração política das Forças Armadas soviéticas, foi citado como tendo dito que se “um grupo de comunistas fiéis na Tchecoslováquia” apelasse para a Rússia para proteger o socialismo em seu país, “o Exército soviético está pronto a cumprir o seu dever”. Para quem sabia como os comunistas se aproveitavam da imprensa internacional, aquilo era um sinistro sinal de que se estava preparando o terreno da propaganda para uma possível ocupação. Dias depois, houve notícia de movimentos de tropas soviéticas na fronteira tchecoslovaca, e na manhã de 21 de agosto tôda a extensão da traição soviética foi exposta ao mundo.

Contudo, há quem diga que essa mais recente violação foi simplesmente um levante dentro da esfera de influência soviética, uma providência desagradável mas necessária para manter a própria casa em ordem. Afirma-se também que a Rússia está assim agindo com medo do poderio norte-americano. Examinemos esta última afirmação.

Nas duas primeiras semanas de janeiro de 1966, cerca de 600 delegados e observadores de partidos comunistas em 80 países reuniram-se em Havana na Conferência de Solidariedade Tricontinental. A sua finalidade expressa era organizar a subversão em âmbito mundial contra os E.U.A. e incrementar as atividades de guerrilhas na Ásia, na África e na América Latina. Foi aprovada uma resolução na qual se pedia a liberação de Pôrto Rico, de que se dizia estar sob "ocupação americana". A Conferência de Havana foi denunciada pela Organização dos Estados Americanos como "intervenção e agressão no Hemisfério Ocidental". Quem pode chamar a essa conferência um ato de medo?

Veja-se ainda a situação da Coreia. Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos retiraram a maior parte das suas forças do Pacífico ocidental. Em 1949, retiraram as poucas tropas que restavam na Coreia, pensando que êsse ato atenuaria as tensões e melhoraria o clima para negociações relativas à unificação da terra dividida. Em 1950, os comunistas entraram; as tropas norte-americanas tiveram de voltar, reconstruir bases e lutar em outra guerra. O importante, sem dúvida, em tudo isso é que os comunistas *alegaram* que as tropas de ocupação eram uma ameaça à paz da Ásia, mereceram crédito e os Estados Unidos cederam. Mas quem *foi* realmente o agressor?

Pontes Para o Vazio. Os belige-

rantes norte-coreanos já receberam dos seus protetores comunistas cerca de 500 aviões de caça, inclusive os últimos MIG-21, e uma quantidade de bombardeiros IL-28; 24 bases aéreas camufladas (quatro delas subterrâneas); 186 unidades navais, inclusive quatro submarinos e 60 lanchas-torpedeiras de grande velocidade; 66 locais de mísseis superfície-ar, e equipamento moderno suficiente para armar 19 divisões de infantaria — tudo isso violando o compromisso que assumiram em Panmunjom de não expandir os armamentos.

A mesma coisa acontece nos pontos de tensão em tôda a Terra. Fontes do serviço secreto em Washington calculam que os soviéticos aumentaram o poderio militar dos árabes muito além dos níveis existentes antes da guerra árabe-israelense de 1967. No Iêmen, a U.R.S.S. está fornecendo armas e assistência técnica às forças republicanas em luta. No Oriente Médio, há uma crescente pressão da propaganda russa para a retirada do Mediterrâneo da Sexta Esquadra Americana. Em maio de 1968, Gromyko acusou a Esquadra Americana da execução de planos imperialistas agressivos e disse que a mesma "contém os movimentos nacionais de libertação no Oriente Médio e na África do Norte".

Entretanto, apesar dêsse quadro de expansionismo e insurreição, continuam a falar de "construir pontes" com os soviéticos. Em outubro de 1966, o Presidente Johnson anunciou planos de um "encontro pacífico"

com os países comunistas da Europa, os quais compreendiam empréstimos do Banco de Exportação e Importação, garantias de créditos comerciais, o financiamento americano de uma fábrica dos automóveis italianos Fiat na Rússia e amplas vantagens tarifárias. Logo depois, foi dito aos leitores do *Pravda* que os Estados Unidos são governados por “um compacto bloco de militares e magnatas da indústria . . . que representam em essência o que existia na Alemanha de Hitler”.

Esperança de Paz. Assim, a palavra “paz” não significa para um líder comunista o mesmo que significa para nós. Uma Tchecoslováquia pacífica significa um país completamente subserviente. Um Mediterrâneo pacífico significa um Mediterrâneo sem a Sexta Esquadra Americana. Um mundo pacífico significa um mundo onde o líder comunista possa fazer o que quiser.

Diante dessas definições, é claro que os líderes comunistas não só não desejam uma *détente* com os Estados Unidos, mas também que nunca poderão permitir-se tal coisa. Um adversário é absolutamente necessário à forma de governo comunista. Como, sem algum distante “agressor imperialista”, poderiam eles justificar a tirania que impõem ao seu povo? Por isso, quando os ventos da verdade e da liberdade começam a soprar nos seus domínios, como acon-

teceu na Tchecoslováquia, os líderes têm de agir prontamente para afastá-los.

Se os comunistas quisessem realmente atenuar as tensões, há várias medidas que poderiam tomar para suprimir as causas da tensão. Poderiam pôr abaixo o Muro de Berlim. Poderiam deixar de usar Cuba como base para a subversão do Hemisfério Ocidental. E poderiam consentir em eleições livres na sua chamada esfera de influência. Poderiam apontar êsses atos nas Nações Unidas como prova de desistência do seu programa de comunização do mundo.

Enquanto não enveredarem por êsse caminho, não haverá outro remédio para os Estados Unidos senão continuarem a ser fortes, a opor-se com firmeza a essa corrente alternada de fôrça e embuste. Devemos ter constantemente em vista que a coexistência pacífica equivale para eles a uma submissão pacífica à sua ameaça de fôrça. Os Estados Unidos poderão manter a coexistência pacífica com os comunistas se permanecerem suficientemente fortes para forçar a coexistência pacífica até que o comunismo se enfraqueça internamente por suas próprias inumanidades. Creio que a melhor esperança de paz no mundo reside no impulso do homem para ser livre—o que não foi estancado pelos expurgos de Mao, nem pelos tanques em Berlim, Budapeste ou Praga.

